

Novos rumos para a psicanálise

APÓS QUATRO ANOS À FRENTE DA PRESIDÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO CRIADA POR FREUD, PRIMEIRO BRASILEIRO A OCUPAR O CARGO COMEMORA O "RECONHECIMENTO DA ALTERIDADE" NA IPA

A Associação Psicanalítica Internacional (IPA) realizou em julho seu 46º congresso, em Chicago. Como ocorre a cada dois anos, o encontro teve um tema central, a prática analítica, suas convergências e divergências, dando sequência às atividades que ocuparam parte considerável dos esforços da IPA nesses últimos quatro anos. Com base no programa do Comitê de Prática Analítica e Atividades (Capsa), a associação – fundada por Freud, congrega hoje 12 mil membros – realizou dezenas de encontros na Europa, América Latina e América do Norte, em que analistas de cada uma das regiões, em proporções equitativas, visitavam outras para discutir casos clínicos e mostrar sua maneira de trabalhar. Com isso, processou-se um intercâmbio que modificou o tradicional perfil latino-americano importador de ideias, e propiciou a vários de seus principais autores as condições de expor, apresentar e supervisionar o trabalho de seus colegas das outras localidades. O programa, que de início evidenciou

apenas um grande interesse por parte de profissionais latino-americanos em conhecer ideias dos outros países, evoluiu para uma interação quase simétrica.

Ao mesmo tempo, ao longo dessa gestão que tive a honra de presidir, um número sem precedentes de analistas da América Latina coordenou e participou das atividades da IPA, que atualmente pode ostentar, com mais procedência, o nome de associação psicanalítica internacional. Entre tantos colegas de intensa e destacada participação, Elias Rocha Barros coordenou o Capsa e Abel Fainstei, o comitê do programa do Congresso de Chicago.

Este foi apenas o quinto congresso internacional realizado na América do Norte, tendo havido até o momento três na América Latina – todos os demais ocorreram na Europa, mas nos últimos anos estabeleceu-se um rodízio sistemático. O próximo será no México. Ao contrário de congressos anteriores, este teve início peculiar, com uma sessão plenária em que um caso clínico atendido dentro de determinada perspectiva teórica foi discutido por três analistas de outras

orientações. A plenária estabeleceu o tom do congresso, que foi desenvolvido com ênfase em pequenos grupos de discussão, muita discussão das convergências e divergências das diferentes ênfases teórico-clínicas e procura pela escuta marcada pelo pluralismo, que caracteriza a IPA atualmente.

Uma crítica que se faz aos encontros de diferentes ramos do conhecimento, em que múltiplas perspectivas são adotadas, é que cada expositor como que recita seu mantra, ouve com alguma polidez a versão dos colegas – e volta a repetir seu credo. Na psicanálise, muitas vezes o diálogo também sofre dessa dificuldade, e todo o trabalho em que estamos empenhados, por meio de inúmeros comitês e atividades científicas, é justamente o de estimular e desenvolver a capacidade de escuta e de reconhecimento da alteridade.

Se, por um lado, o psicanalista realiza uma rigorosa formação para capacitar-se a desenvolver a escuta empática e sem preconceitos de qualquer natureza, dentro do possível, por outro, como membro de agrupamentos humanos, que seguem as características descritas por Freud e Bion quanto às inevitáveis tensões, contravérsias e dissociações, não pode se pretender isento. A função de uma instituição como a IPA, ou como a Febrapsi, entre tantas outras, é



justamente oferecer um espaço para desenvolver a troca, ouvir o outro e tentar entender e talvez identificar-se com sua forma distinta de pensar, sentir e praticar seu ofício.

Assim como os anteriores, o Congresso de Chicago tinha esse propósito explícito – e atingiu seus objetivos. Desde 1898, quando o então presidente da associação Robert Wallerstein propôs que havia um solo comum da psicanálise, que estaria na clínica analítica (apesar das diferenças teóricas ou das distintas metapsicologias), o tema tem sido amplamente discutido, com posições convergentes e divergentes. Um dos críticos de tal proposta é André Green, para quem a psicanálise é uma disciplina clínica, com diferentes bases teóricas, e que seria uma ilusão ou um mito pretender estabelecer uma base comum, mesmo considerando a existência de fundamentos semelhantes e alguns procedimentos clínicos que todos os analistas seguem, como a alta frequência de sessões semanais, o uso do divã, das interpretações e a valorização do significado dos sonhos, da transferência e da história infantil de cada paciente, como determinante ou ao menos como relacionada com os eventos de sua vida atual.

De minha parte, desde o Congresso do Rio, de 2005, tenho proposto que a psicanálise seja concebida como uma obra em construção que transita por uma contínua discussão de seus pressupostos teóricos, uma busca de melhor caracterização da competência clínica e de um permanente cuidado com a formação de novos analistas. Afinal, apenas a educação

EXPOSITORES RECITAM SEUS MANTRAS, OUVEM A VERSÃO DE COLEGAS – E VOLTAM A REPETIR SEU CREDO; NA PSICANÁLISE NÃO É DIFERENTE

continuada pode fazer com que nosso instrumento de trabalho, nossa mente, não se torne rígida na repetição de fórmulas, nem se banalize na facilitação de procedimentos ou na falácia de que tudo é possível.

Grupos de discussão, painéis, encontros com autores destacados e trabalhos livres, em Chicago, evidenciaram que a busca de um objetivo que diz respeito a todos talvez já não seja a prioridade, considerando o momento de grande desenvolvimento de algumas abordagens específicas – e que elas são capazes de dialogar, desde que seus proponentes não estejam cegos pelo excesso de narcisismo.

Vivemos, assim, um momento de pluralismo criativo e mutuamente respeitoso, do qual temos algumas evidências a celebrar, após quatro anos de trabalho árduo: o reconhecimento de que há três modelos distintos de formação de analistas, cada um dos quais com suas especificidades e produzindo analistas clinicamente competentes; o intercâmbio clínico e teórico através do Capsa; a publicação de um número crescente de livros sobre temas clínicos, teóricos e de aplicação em outras áreas do conhecimento, em que analistas de distintas latitudes dialogam de forma estimulante. Há também o trabalho de inúmeros comitês, que realizam encontros nas três regiões – Europa, América do Norte e América do Sul –, publicam e desenvolvem novos estudos e ampliam o conhecimento

sobre desenvolvimento e análise de crianças, adolescentes, adultos e idosos, questões de gênero, preconceito, importância da correta informação pública, diferentes métodos de pesquisa psicanalítica, sua relevância e resultados, relações entre psicanálise e cultura, universidade, sistema de saúde e sociedade e a presença da IPA na Organização das Nações Unidas (ONU), bem como a criação de novos grupos analíticos em inúmeros países, ampliação da formação no antigo Leste europeu, a criação do Instituto Latino-americano de Psicanálise, para estabelecer grupos em países do continente onde a instituição ainda não está presente – e o início da formação analítica na China.

O evento em Chicago marcou também o final da segunda administração latino-americana da IPA, a qual, de acordo com a avaliação dos membros, atingiu os objetivos propostos. É possível dizer que, ao lado da satisfação pela missão cumprida, após uma verdadeira peregrinação ao longo dos últimos quatro anos, surge a convicção, reforçada e solidificada, de que a psicanálise é, de fato, uma obra em construção, alicerçada sobre uma base sólida e dotada de uma extraordinária vitalidade e capacidade de renovar-se sem perder o legado deixado por Freud.



CLÁUDIO LAKS EIZIRIK, é psicanalista, presidiu a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) até julho de 2009.